



Conselho Municipal de Promoção da  
Igualdade Racial - Rio Branco/AC

## **O CONSELHO MUNICIPAL DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL DE RIO BRANCO/AC VEM À PÚBLICO EXTERNAR SEU POSICIONAMENTO EM RELAÇÃO AS FALAS DE CUNHO RACISTA PROPAGADAS PELA BLOGUEIRA LUDMILLA CAVALCANTE**

A influencer Ludmilla Cavalcante que possui mais de 250 mil seguidores na rede social Instagram, na manhã desta Terça-feira 13, postou um vídeo na função stories e disse: “Tá percebendo não? Minha cor do pecado. Ai gente por favor respeita minha história”, referindo-se ao seu bronze.

### **LUDMILLA, SUA FALA É RACISTA!**

Não se trata de uma generalização, mas da simples constatação de que, inseridos numa dada estrutura, nossa tendência é reproduzir aquilo que essa estrutura suscita.

Portanto, num país estruturalmente racista, calcado numa expressão de poder fundamentalmente branca, brancos serão racistas. Mas não porque o querem, e sim porque são forjados, educados, instruídos dentro dessa estrutura que define os lugares sociais de superioridade para brancos e subalternidade para negros. Desconstruir essa estrutura é o compromisso da luta antirracista.

“Cor do pecado”: Utilizada como elogio, se associa ao imaginário da mulher negra sensualizada, objetificada e hipersexualizada. A ideia de pecado, em uma sociedade pautada na religião como a brasileira, também traz uma carga negativa. Desde quando pecado têm cor? E por que tudo que é ruim é conotado ao negro, preto ou escuro?

O racismo é uma relação de poder que transcende o âmbito institucional, pois está na essência da sociedade e, assim, é apropriado para manter, reproduzir e recriar desigualdades e privilégios, revelando-se como mecanismo colocado para perpetuar o atual estado das coisas.

“Respeita a minha história”: Quem levanta bandeiras “online” deve se preocupar com a qualidade do conteúdo e de como ele vai atingir outras pessoas, quando você relata sobre a luta das mães você causa mobilização sobre e quando você propaga preconceito, você também mobiliza. E cabe a você, de fato ser uma influenciadora e romper as bolhas e falar ativamente sobre os direitos humanos de forma interseccional.

O Brasil herdou a estrutura de família patriarcal de Portugal; e o preço dessa herança foi pago pela mulher negra, e não só durante a escravidão. Mesmo hoje, a mulher negra, por causa de sua pobreza e falta de status social, é presa fácil e vulnerável da agressão da branquitude.

Não se pode combater opressões reforçando lógicas coloniais ultrapassadas. Sabemos bem quem está na base da pirâmide social do Brasil; sendo cavalete para que poucos consigam subir.

Nossa sociedade tem profundas marcas das desigualdades que foram desenhadas ao longo da história. Na atualidade parece que há espaço para o debate, a tão falada representatividade está sobre a mesa; mas o povo preto quer mais. Queremos narrar nossas próprias histórias. Queremos ter direito de fala não somente quando essa é concedida ou quando precisamos fazer notas de repúdio afrobetizando. Somos múltiplos, somos muitos e plurais. A ótica de ser preto no Brasil se revela como um espectro, tamanha a diversidade que podemos ter e ser. Pertencer. O que nos conecta é pele.

Não se pode pensar em políticas públicas, acesso e democracia no Brasil sem falarmos sobre a população negra, sobretudo as mulheres que estão na base de uma sociedade exploratória, onde o racismo, machismo e a divisão de classes são estruturantes e indissociáveis da sociedade.

Aboliram a escravidão sem estruturar e formalizar a implementação da lei Áurea, pálida de um único parágrafo, crendo que os impactos econômicos, culturais e sociais da escravidão fossem desaparecer automaticamente. Não desapareceu! A falsa Democracia Racial só agravou ainda mais as tensões.

Senhora Ludmila, repudiamos sua fala racista! Mas, também lhe orientamos buscar conhecimento, pra que seu lugar sob os “holofotes” seja relevante e possa suscitar mudanças sociais significativas e de impactos positivos.

*Rio Branco-Acre, 13 de Dezembro de 2022*

#### **ASSINAM EM CONJUNTO ÀS ENTIDADES:**

- NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS DO IFAC – NEABI/IFAC
- ASSOCIAÇÃO DE MULHERES NEGRAS DO ACRE
- LABORATÓRIO DE PESQUISA OBSERVATÓRIO DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL DA UFAC